

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM  
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL  
MESTRADO PROFISSIONAL EM SUSTENTABILIDADE JUNTO A  
POVOS E TERRITÓRIOS TRADICIONAIS (MESPT)**

**ROSILDA ALVES COUTINHO**

**TRANSMITINDO SABERES:  
EDUCAÇÃO E CONHECIMENTO TRADICIONAL SOBRE PLANTAS  
MEDICINAIS NA COMUNIDADE SÃO JOSÉ/GO**

Brasília  
2019

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM  
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL  
MESTRADO PROFISSIONAL EM SUSTENTABILIDADE JUNTO A  
POVOS E TERRITÓRIOS TRADICIONAIS (MESPT)**

**ROSILDA ALVES COUTINHO**

**TRANSMITINDO SABERES:  
EDUCAÇÃO E CONHECIMENTO TRADICIONAL SOBRE PLANTAS  
MEDICINAIS NA COMUNIDADE SÃO JOSÉ/GO**

Artigo apresentado ao Curso de Mestrado Profissional em Sustentabilidade Junto a Povos e Territórios Tradicionais (MESPT) da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra, sob orientação do Prof. Dr. Carlos Alexandre Barboza Plínio dos Santos.

Brasília  
2019

## RESUMO

O presente estudo aborda a transmissão de saberes por meio das plantas medicinais no âmbito da comunidade rural denominada São José, localizada no município de Cavalcante, ao norte do Estado de Goiás. Assim, objetiva-se conhecer, registrar e transmitir os conhecimentos empíricos referentes a tais ervas com seus modos e usos através de pesquisa junto a alunos, professores, moradores e especialistas locais, o que culminou na produção deste artigo e de uma cartilha didática. Com isso, trabalhei com uma metodologia integrativa e construtivista no desenvolvimento do sujeito ativo/epistêmico e de métodos procedimentais da pesquisa de campo, da pesquisa-ação, participante, etnográfica e etnometodológica. Por intermédio da busca realizada e das informações estudadas pude entender o quanto as plantas medicinais fazem parte das vivências dessa comunidade e o quanto essas são cruciais no âmbito da cultura e tradição local. Tais espécies estão conectadas aos fazeres desse povo e mais do que tudo precisam ser valorizadas como novas ferramentas pedagógicas para o fomento de uma aprendizagem mais interdisciplinar no âmbito educacional.

**Palavras-chave:** Plantas Medicinais. Desenvolvimento Sustentável. Saberes do Campo. Aprendizagem.

## ABSTRACT

This study addresses the transmission of knowledge through medicinal plants in the rural community called São José, located in the municipality of Cavalcante, in the north of the state of Goiás. Thus, the objective is to know, record and transmit the empirical knowledge concerning such herbs with their modes and uses through research with students, teachers, residents and local specialists, which culminated in the production of this article and a textbook. With this, I worked with an integrative and constructivist methodology in the development of the active / epistemic subject and procedural methods of field research, action research, participant, ethnographic and ethnomethodological. Through the search and the information studied I could understand how much medicinal plants are part of the experiences of this community and how crucial they are in the context of local culture and tradition. Such species are connected to the actions of these people and most of all they need to be valued as new pedagogical tools for fostering more interdisciplinary learning in the educational field.

**Keywords:** Medicinal plants. Sustainable development. Field Knowledge. Learning.

# **TRANSMITINDO SABERES: EDUCAÇÃO E CONHECIMENTO TRADICIONAL SOBRE PLANTAS MEDICINAIS NA COMUNIDADE SÃO JOSÉ/GO<sup>1</sup>**

Rosilda Alves Coutinho<sup>2</sup>

## **1 - INTRODUÇÃO**

As plantas medicinais, além de servirem de base para a produção de medicamentos na indústria farmacêutica, o que foi potencializado pela evolução científica dos últimos séculos, estão associadas aos usos e costumes dos povos e comunidades tradicionais, os quais identificaram nesses recursos naturais potencialidades para tratarem e prevenirem doenças (OLIVEIRA, 2012).

Entretanto, antes de iniciar esse texto, cabe informar como tudo começou. De início a Universidade de Brasília proporcionou-me um conhecimento maior sobre as plantas medicinais quando fiz a graduação em Licenciatura em Educação do Campo na área de Ciências da Natureza e Matemática (LEdoC). Curso esse, iniciado no segundo semestre de 2010, aprendi diversas formas de ensino, e de que a teoria está atrelada à prática cotidiana.

Nesse processo, eu já era docente em uma escola de minha comunidade São José, a qual era focada no modo tradicional de ensino da rede pública. E a partir de minha graduação na UnB passei a ter um posicionamento em sala de aula voltado à prática da nossa própria realidade. Assim, comecei a unir-me mais frequentemente com os professores da escola onde eu atuava, por conseguinte, começamos a discutir a teoria e a prática. E juntos, professores, alunos e comunidade, passamos a interagir e a fazer aulas diferenciadas. Abordei esse assunto para reforçar que não é de agora que temos desenvolvido esses tipos de aulas.

A partir do interesse em aprofundar o entendimento sobre as práticas medicinais desenvolvidas por meio da interação das pessoas com as plantas do bioma cerrado é que brotou esta pesquisa, tendo como questão-problema o seguinte questionamento: de que forma as plantas medicinais transmitem saberes na comunidade rural de São José? O entendimento inicial é de que isso é possível pelos conhecimentos repassados de geração em geração e que

---

<sup>1</sup>Artigo produzido como Trabalho de Conclusão de Curso do Mestrado Profissional em Sustentabilidade Junto a Povos e Territórios Tradicionais (MESPT) da Universidade de Brasília, sob orientação do professor Dr. Carlos Alexandre Barboza Plínio dos Santos.

<sup>2</sup>Graduada em Licenciatura em Educação do Campo pela Universidade de Brasília, em 2014. Educadora. Estudante atuante no curso de Complementação em Pedagogia pelo Instituto de Educação Maximus/UnB. Aluna concluinte do Curso de Mestrado Profissional em Sustentabilidade Junto a Povos e Territórios Tradicionais (MESPT), Universidade de Brasília (UnB), 2019. E-mail: rosildacalves@gmail.com

podem ser explorados no âmbito do ensino básico a partir da valorização dos ensinamentos de especialistas locais, bem como as conhecedoras da medicina local, as mulheres e do estímulo às práticas sustentáveis.

Assim, o presente texto trata especialmente da transmissão de saberes a partir das plantas medicinais, tendo como foco o conhecimento educativo e cultural que essas fornecem à comunidade rural do povoado de São José, localizada no município de Cavalcante, Estado de Goiás, a 85 km da sede municipal.

Portanto, tenho como objetivo geral (re)conhecer, registrar e transmitir os conhecimentos empíricos referentes às plantas medicinais com seus modos e usos através do contato com os professores, alunos, moradores e especialistas locais e pela produção deste artigo e de uma cartilha didática. E como objetivos específicos tem-se os seguintes: valorizar a sabedoria do modo de vida da comunidade de São José, por meio do registro dos saberes associados ao uso das plantas medicinais; promover a interação entre escola e comunidade numa perspectiva interdisciplinar e levar os jovens/adolescentes a situarem em seu contexto social de modo a considerarem os saberes ancestrais sobre esses recursos naturais.

Com tais propósitos, empreguei na pesquisa uma metodologia integrativa e construtivista de trabalho, pautando-me no desenvolvimento do sujeito ativo/epistêmico, tendo-se uma abordagem qualitativa, natureza aplicada. A pesquisa valeu-se de métodos procedimentais da pesquisa de campo, da pesquisa-ação, participante, etnográfica e etnometodológica, compreendendo atividades de interação, pautadas na pedagogia ativa e construtivista (formação do sujeito epistêmico). Isso envolveu os alunos, os professores da Escola Estadual Calunga I – Extensão João de Deus Coutinho, os moradores e as mulheres (especialistas locais, raizeiras) da referida comunidade e até mesmo integrantes externos que se interessaram pela temática. Tendo-se atividades coletivas e individuais com as turmas do 6º ano do Ensino Fundamental (EF) até a 1ª série do Ensino Médio (EM), bem como visitas e coletas de dados em campo, baseando-se em estudos metodológicos de Silveira e Córdova (2009), Gil (2010), Bergamaschi, Souza e Hinnig (2010) e Pauletti, Rosa e Fenner (2014).

É relevante trabalhar esta temática, a partir de tais metodologias, porque através disso é possível compartilhar saberes, práticas tradicionais e culturais relacionadas às plantas medicinais com as gerações mais jovens, o que é útil para repensar a didática escolar na localidade. De certo modo, a Escola, por estar instalada numa área rural, tem a oportunidade de explorar os potenciais pedagógicos oferecidos pela natureza, que de fato disponibiliza uma biblioteca natural a alunos, professores e demais integrantes da comunidade.

Quanto ao presente artigo, este está dividido em três partes. A primeira apresenta a revisão de literatura, destacando o levantamento bibliográfico em autores como Borges (2013), Carvalho (2001), Ministério da Saúde (BRASIL, 2006; 2009), Vieira, Sousa e Lemos (2015), entre outros que exploraram em seus estudos a temática em questão. A segunda traz os processos metodológicos que compreenderam a pesquisa desenvolvida e também apresentada na cartilha. A terceira trata dos resultados obtidos e das discussões em torno do desenvolvimento do estudo das plantas medicinais, e por último, será apresentada a conclusão deste processo. Espera-se que este trabalho (cartilha e artigo) contribua no fortalecimento da nossa identidade e sirva para conscientizar todos os moradores e sociedade em geral da importância das plantas medicinais.

## 2 - REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 - As plantas medicinais: história e importância dessas no desenvolvimento do sujeito epistêmico das comunidades do campo

Obtém-se que o uso das plantas medicinais não é algo recente ou que tenha surgido mediante as imposições da ciência convencional. Portanto, sabe-se com base em Oliveira (2011) que essa prática remonta aos anos 2.838-2.698 A.C. no âmbito da Medicina Chinesa e aos anos de 1500 A.C. na Medicina Hinduísta. Em tal cenário histórico as mulheres eram as principais responsáveis pelo processo de coleta e extração dos princípios ativos presentes nas plantas consideradas aplicáveis no tratamento das doenças daquela época na China. Os chineses já tinham catalogado cerca de 365 espécies de plantas medicinais, bem como venenos, de modo que tais ervas eram dedicadas ao deus *Pan Ku*, o qual segundo a crença ordenava o uso das espécies a partir dos polos chamados *yin* e *yang* (OLIVEIRA, 2012).

De certo modo, as plantas medicinais, em seu modo rústico, eram utilizadas de forma intensiva até mesmo pelos médicos no campo da medicina antiga, sendo essas substituídas parcialmente pelos remédios sintéticos por meio dos avanços ocorridos a partir da aplicação da química experimental no século XIX com o propósito de prevenir ou curar doenças (VIEIRA; LEMOS, 2015).

Não sendo surpresa, os avanços que aconteciam nas nações mais desenvolvidas na área medicinal demoravam muito para alcançar os povos rurais, e isso fazia com que cada vez mais os sujeitos desses ambientes recorressem à medicina natural para solucionarem os problemas de saúde que os acometiam. Aspecto que fortaleceu a parceria entre esses e as plantas presentes em seus biomas (EVANGELISTA; LAUREANO, 2007).

Os povos do campo ao interagirem com as plantas e com os conhecimentos repassados através de seus antepassados e de suas próprias experiências construíram novos saberes e adaptaram o aglomerado de informações às necessidades da comunidade como um todo (CARVALHO, 2011). Esse tipo de construção de sabedorias tradicionais é entendido no âmbito do processo de formação de sujeitos epistêmicos, o que é pontuado como fundamental na teoria construtivista de Jean Piaget (PAULETTI; ROSA; FENNER, 2014) na qual os indivíduos ressignificam e protagonizam o próprio conhecimento.

## **2.2 - As plantas medicinais como instrumentos de transmissão de saberes junto a povos tradicionais**

As plantas medicinais ocupam, de certo modo, um lugar de destaque nas vivências dos povos tradicionais. Nesse pensar, Grandi (1989) fomenta que o conhecimento em torno das ervas desenvolveu-se juntamente com o homem do campo, o qual a partir de erros e acertos as aderiu aos costumes que foram sendo repassados de geração em geração.

Os saberes construídos por comunidades tradicionais e povos indígenas continuamente estiveram associados ao domínio dos usos referentes às ervas medicinais, sendo esses processos bases primordiais nas concepções científicas que levaram à produção de medicamentos cada vez mais avançados e pujantes em seus efeitos ativos no combate e prevenção das mais diversas moléstias que acometiam a vida em sociedade (CARVALHO, 2001; BRASIL, 2009).

A partir das contribuições de Oliveira (2011) tem-se a relevância de ater-se para o fato de que as plantas medicinais como instrumentos de transmissão de saberes junto a povos e comunidades tradicionais não são objetos autônomos que por si mesmos ocuparam a importância nas relações sociais. Doutra sorte, inclui-se que tais ervas contaram antes de tudo com a participação humana para que viessem a ter um impacto tão representativo na preservação de outras vidas no Planeta (OLIVEIRA, 2011).

No entendimento do Ministério da Saúde (BRASIL, 2006) o fato de se ter um país diverso em biomas, povos e culturas, faz com que a nação brasileira obtenha uma variedade de saberes em todas as áreas de conhecimento, inclusive no que se remete aos usos e costumes em torno das plantas medicinais.

Em estudos levantados por Vieira, Sousa e Lemos (2015) em relação às ervas conhecidas por especialistas locais numa comunidade maranhense, obteve-se que os sujeitos locais de fato possuíam uma gama de informações sobre as herbáceas que por vezes até superavam informações científicas já registradas.

Esse tipo de pesquisa termina por apontar a dinamicidade que há na construção de uma sabedoria pela experiência no contexto onde vivem os povos e comunidades tradicionais, bem como indica possibilidades de ampliar tais saberes e torná-los acessíveis a grupos de outros cenários e realidades.

Nesse panorama, é fundamental o respeito à grandeza desses chamados especialistas locais (VIEIRA; SOUSA; LEMOS, 2015), de modo a se trabalhar com políticas que possam

de fato resguardar a esses indivíduos de potenciais infiltrações daqueles interesses adversos cujas finalidades sejam o usufruir desordenado dessas plantas.

O processo de valorização dos saberes dos povos e comunidades tradicionais deve andar junto às medidas de respeito e defesa ao meio ambiente (BORGES, 2013). Enfim, que possam colaborar para a continuidade das espécies e dos conhecimentos cultivados no decorrer de longos anos de experiências, de erros e acertos no uso dessas ervas.

### **2.3 – Legislações aplicadas ao uso de plantas medicinais no Brasil**

É importante compreender que as plantas medicinais, uma vez reconhecidas como essenciais para a prevenção e combate às doenças, precisam de políticas públicas que possam contribuir cada vez mais para a valorização cultural de seus usos e fortalecimento do protagonismo dos saberes dos povos e comunidades tradicionais.

Para tais propósitos é que surgem as chamadas políticas públicas que nascem das lutas sociais e da atenção dada pelo Estado aos interesses da coletividade que demanda posicionamento e defesa de seus grupos na sociedade (BRASIL, 2009).

De acordo com Evangelista & Laureano (2007), mesmo tendo uma importância milenar para a sobrevivência humana e mesmo faunístico no mundo, nem todas as nações mobilizaram-se em favor da preservação dos costumes em torno do uso das ervas medicinais, e no Brasil isso também não foi diferente, o qual demorou muito para firmar políticas em torno desse processo.

A princípio, tem-se que as manifestações dos organismos internacionais como é o caso da Organização Mundial da Saúde (OMS) e do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) começaram a ganhar impactos especialmente no final dos anos 70 a partir de Conferência Internacional sobre Atenção Primária em Saúde em Alma-Ata ocorrida em Genebra durante o ano de 1978 (BRASIL, 2006).

Anos antes, em 1970, a OMS criou o chamado Programa de Medicina Tradicional cujo ideal era facilitar a integração entre a medicina tradicional e a medicina alternativa no contexto das políticas de atenção à saúde, isso até mesmo serviu para que na Conferência realizada em Genebra houvesse a seguinte recomendação aos estados-membros:

[...] formulação de políticas e regulamentações nacionais referentes à utilização de remédios tradicionais de eficácia comprovada e exploração das possibilidades de se incorporar os detentores de conhecimento tradicional às

atividades de atenção primária em saúde, fornecendo-lhes treinamento correspondente (OMS, 1979 *apud* BRASIL, 2006, p.11).

Tal processo defendido pela OMS culminou no desenvolvimento de outras medidas de reforço à valorização dos saberes tradicionais que foram defendidas no cenário da Assembleia Mundial da Saúde (AMS) realizada em 1987, vindo a destacar a necessidade de “avaliação, preparo, cultivo e conservação de plantas usadas em medicina tradicional” (BRASIL, 2006, p. 11).

No geral, a OMS teve desde o início um papel crucial para que países, como o Brasil, viessem a adotar políticas mais específicas em torno da valorização do uso das plantas medicinais em interação com os atendimentos da medicina avançada. Em 1991, esta entidade de saúde buscou fortalecer a importância em torno das contribuições dadas pela medicina tradicional aos serviços de assistência social vinculados às comunidades que possuíam acesso limitado aos atendimentos em saúde (MACEDO; GEMAL, 2009).

Por outro lado, tem-se que a OMS, entre 2002 e 2005, buscou estimular políticas públicas em torno do desenvolvimento das estratégias adotadas pela medicina tradicional, complementar e alternativa, tais objetivos foram disseminados entre os 191 estados-membros. No entanto, até o ano de 2006 apenas 25 desses já possuíam política em nível nacional que compreendesse essa temática (BRASIL, 2006).

O Brasil, por sua vez, embora fizesse parte desses Estados vinculados à OMS, também fazia parte dos países que não tinham tomado nenhuma medida relacionada ao uso da medicina tradicional, enfim, ainda não havia legislação específica que tratasse do uso das ervas medicinais, mesmo entendendo-se a necessidade de que isso acontecesse de uma maneira mais específica (BUENO; MARTINEZ; CARLOS BUENO, 2016).

Por conseguinte, o Brasil despertou-se para a importância de que essa questão entrasse na agenda governamental, isso sob influências internacionais da OMS, bem como através de impulsos advindos de movimentos sociais erigidos pelas comunidades do campo (BRASIL, 2006). E ainda, tal aspecto decorreu-se de um cenário democrático pautado no desenvolvimento da universalidade e integralidade nos atendimentos do Sistema Único de Saúde (SUS), tendo-se contribuições dos fundamentos da própria Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 2010) e entre outros eventos (CARVALHO, 2001).

Outros pontos relevantes para as decisões em torno de políticas públicas referentes às plantas medicinais foram: o entendimento da necessidade dessas para a produção de medicamentos na indústria farmacêutica, a qual faturava bilhões de dólares já nos anos 90 em

decorrência da exploração dessas ervas tradicionais, e o reconhecimento do altíssimo potencial produtivo que o Brasil tinha em nível interno e externo e que deveria ser valorizado e melhor regulamentado (BRASIL, 2006). Enfim, todo este cenário permitiu que fosse criada a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (PNPMF), a qual teve sua aprovação a partir do Decreto de Lei nº 5.813, em 22 de junho de 2006 (BRASIL, 2006).

Assim, principalmente com essa política específica, tem acontecido maior controle em torno do uso sustentável das plantas medicinais nos diferentes seguimentos da economia, o que é fundamental para a continuidade e preservação das espécies vegetais e consequentemente do homem.

#### **2.4- Principais avanços e limitações em torno da valorização das plantas medicinais como formas de conhecimento na escola e na sociedade**

Considerando-se os aspectos relacionados ao desenvolvimento de políticas para a defesa e valorização da medicina tradicional, praticada mediante o uso das ervas medicinais, é perceptível ter acontecido avanços importantes até mesmo para garantir às gerações presentes e futuras a continuidade dessa cultura.

O fato de se ter a Política Nacional para este fim acaba por contribuir para a construção de arranjos produtivos que equilibram e racionalizam o uso das plantas medicinais e dos fitoterápicos no Brasil, o que permite enxergar um maior cuidado tendo em vista garantir sustentabilidade nas ações e a segurança nas medicações ofertadas à sociedade (MACEDO, GEMAL, 2009).

Noutra vertente, sabe-se ter limites em torno do processo de valorização das plantas medicinais no contexto da geração de conhecimentos à sociedade. A falta de disseminação e de consideração da essencialidade dessas no processo educacional desenvolvido nas escolas brasileiras é um exemplo de dificuldade que se opõe à apreciação desses saberes locais (CARVALHO, 2001).

É fundamental o alinhamento dos valores dos povos tradicionais, como bem é o caso do uso das plantas medicinais, com os saberes oferecidos no ensino padrão desenvolvido em espaços escolares rurais, aspecto que traz à tona as políticas em torno da Educação do Campo e da valorização das especificidades que compreendem dos sujeitos locais no processo educativo (MOLINA, 2006).

É preciso haver maiores investimentos do Estado no desenvolvimento de medidas que possam de fato contribuir para o resgate da história e da memória relacionadas aos usos e costumes das ervas medicinais no âmbito das vivências das comunidades quilombolas, indígenas, dentre outras que formaram a nação brasileira (BRASIL, 2009).

### **3 - METODOLOGIA**

#### **3.1- Tipos de pesquisa utilizados**

De acordo com Silveira e Córdova (2009) é muito possível que o pesquisador usufrua de diferentes processos de pesquisa no âmbito de seu interesse em investigar sobre determinada temática, especialmente tendo adequações metódicas com base na abordagem, na natureza, nos objetivos, e nos procedimentos definidos.

Não entraremos nas definições específicas dos tipos de pesquisa, mas a ideia é justamente apontar a tipologia chave empregada. Assim, considerando esses pontos metodológicos, este estudo teve abordagem qualitativa, uma vez que preocupou-se em entender as peculiaridades do grupo social que interage com as plantas medicinais na comunidade (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009).

Este estudo é de natureza aplicada, pois gera conhecimentos aplicáveis à realidade, e ao mesmo tempo exploratórias ao ter o objetivo de explicitar um assunto a partir da busca de informações junto aos sujeitos sociais que lidam com o problema estudado (GIL, 2010). Este estudo também é procedimental, entendendo-se a diversidade de metodologias quanto aos procedimentos que utilizou, empregando de forma integrativa: a pesquisa de campo, a pesquisa-ação, a pesquisa participante, a pesquisa etnográfica e etnometodológica (BERGAMASCHI; SOUZA; HINNIG, 2010), todas essas vinculadas à interação direta com o público alvo, a partir de coleta de informações, intervenções e registros de observações do meio social e cultural investigado.

#### **3.2 - Contexto de pesquisa**

A pesquisa desenvolveu-se na comunidade São José, fundada a partir da família de uma senhora chamada Dona Edivirge há mais de um século. Não tenho informações específicas relacionadas ao seu processo de fundação, de forma que é através das pessoas

mais velhas da comunidade que destaques em torno de sua história puderam ser evidenciados, tendo-se raríssimos trabalhos acadêmicos desenvolvidos na localidade.

Sabe-se que através de Dona Edivirge e de seus filhos outros aglomerados surgiram no contexto de São José, como é o caso de Agaús, Araras, Traíra e Cana Brava, entre outras localidades, sendo esse processo estimulado pelo interesse em encontrar terras boas para o plantio em nível de subsistência.

A localidade possui cerca de 70 famílias e aproximadamente 180 pessoas, e apesar de ainda não estar certificada como comunidade quilombola, entende-se que pelas suas origens e culturas esta é uma das localidades de Cavalcante que integra os remanescentes de quilombos. De certa maneira, o reconhecimento dessa região como terra quilombola esbarra-se em receios locais de haver perda de imóveis e de que haja interferências diversas em suas relações sociais.

Quanto à economia, os moradores de São José sobrevivem a partir de ganhos da agricultura familiar, atividades agropastoris, de aposentadorias e do trabalho público. Em relação à sua diversidade em recursos naturais e culturais a comunidade possui uma riqueza inigualável, além de ser acolhedora e hospitaleira, tendo as plantas medicinais como principais recursos no combate às doenças. No que toca à sua cultura, na localidade são manifestas as tradições das folias, dos festejos religiosos de São José e devoções a outros santos. A plantação, a culinária, as festas e as diversas atividades realizadas pelas famílias baseiam-se nas trocas, no companheirismo e em outros valores tomados como cultura para a vida comunitária.

No que toca ao uso das plantas medicinais, os moradores reverenciam até hoje à Dona Cercunda (†/2001), vista como uma mãe nas habilidades relacionadas ao cuidado da saúde dos moradores, de sorte que enquanto viveu, foi parteira e cuidadora tradicional de seu povo em épocas nas quais os recursos e o acesso a medicamentos e às cidades eram mais escassos. Por pessoas como Dona Cercunda, é que a comunidade de São José construiu os processos de transmissão de conhecimentos, especialmente no que toca às ervas medicinais, que são os pontos centrais deste estudo.

Para completar essa contextualização, tem-se que a culminância das ações desenvolvidas na comunidade em questão se dará na Escola Estadual Calunga I – Extensão João de Deus Coutinho, a qual oferece o ensino básico a crianças e jovens que estudam desde a Educação Infantil até a o Ensino Médio, tendo-se o trabalho educativo desenvolvido em salas multisseriadas. As turmas que abrangem este estudo, a saber: as do Ensino fundamental

(6º ao 9º ano) e a 1ª série do Ensino Médio funcionam no período matutino, tendo quatro funcionários que atuam no período integral, a saber: três professores e uma merendeira.

Nessa unidade educacional trabalha-se com o currículo que atende a todo Estado de Goiás. Não há currículo diferenciado devido à carência de investimentos governamentais na educação realizada nas escolas Calungas. Todavia os direitos embasados nas Diretrizes Curriculares da Educação Escolares Quilombola são conhecidos pelos educadores. E de acordo com tal instrumento, sabe-se da importância em desenvolver diversas ações demonstrando as diversidades interculturais da comunidade. Percebe-se a necessidade de se trabalhar em prol do melhor para os estudantes locais e assim de levar em conta o modo de vida tradicional para se fortalecer esse conhecimento que representa uma forte cultura. A seguir, tem-se a demonstração da área onde está instalada essa comunidade, como aponta a **figura 1**:

Figura 1 – Mapa da comunidade São José



Fonte: Google Earth (2019).

### 3.3- Participantes, instrumentos e procedimentos da coleta e análise de dados

A pesquisa teve como participantes específicos de campo: três professoras e 26 alunos integrantes das turmas multisseriadas que compreendem a educação do 6º ano do Ensino Fundamental até a 1ª série do Ensino Médio na Escola Estadual Calunga I – Extensão João de Deus Coutinho; e 13 mulheres especialistas locais no uso das plantas medicinais. Houve outras participações complementares que envolveram uma senhora raizeira de 89 anos, uma

jornalista da UnB e alguns moradores (aleatórios) que trouxeram contribuições gerais sobre a localidade.

Com intuito de fortalecer os laços culturais e tradicionais referentes às ervas medicinais na escola, bem como para obter a concessão da gestão escolar quanto às ações pertinentes fiz uma reunião para discutir a metodologia a ser utilizada e a questão dos dias em que seriam desenvolvidas as ações coletivas. Levantei algumas questões, e decidimos esses pontos junto aos alunos, professores e especialistas locais, tendo a prévia autorização do coordenador da instituição e da comunidade para a realização das atividades sobre as plantas dentro e fora da unidade de ensino. E com o apoio de dois professores (Ana Carolina e Lusmar) iniciamos as tarefas.

O trabalho com tais públicos deu-se de forma integrada durante o mês de janeiro de 2019, de forma que a observação participante dos acontecimentos e os registros em caderno de bordo foram os principais instrumentos de coleta das informações, posteriormente tratadas e apresentadas como textos analíticos, em tabelas e figuras (vide resultados e discussões).

As atividades que resultaram no relatório de campo caracterizaram-se por: ações individuais com as turmas do 6º e 7º ano do EF, a saber: notícias (teatro) e receitas medicinais em forma de excisas simples e vídeos com receitas medicinais, visitas às casas das mulheres para dialogar sobre seu conhecimento medicinal; por ações individuais com as turmas do 8º e 9º ano do EF, as quais se deram por: divisão de grupos para os trabalhos, visitas às casas de dona França e dona Joaquina por um grupo e às casas de dona Diolina e dona Darlete por outro, realização de perguntas a essas especialistas sobre os remédios conhecidos e usados no combate às doenças; e por último a coleta dos remédios.

Outra ação individual ocorreu na 1ª série do EM, a qual compreendeu: cartografia, divisão de três grupos para atividades de visitas domiciliares, de modo que o 1º grupo visitou dona Marcelina, Neta, Dorama e Cristiane, o 2º grupo visitou Reis, dona Francilina, Joaquina e Dita e o 3º grupo visitou Diolina, Joana e Niquinha, e ainda, teve-se anotações das plantas, seus usos e registros de imagens, e a montagem de gráficos de linha, barra e pizza demonstrando as plantas incomuns e comuns em cada quintal pesquisado.

A sequência deu-se por atividades coletivas com as turmas do 6º ano do EF a 1ª série do EM, de forma que a primeira ação geral abrangeu as atividades de: proposta de análise da relação das plantas medicinais com os estudantes da escola e com a comunidade, visitas às casas das especialistas locais, e aula de campo com as raizeiras Dorama e dona Marcelina.

A segunda ação coletiva com essas turmas compreendeu: diálogo entre professores e estudantes, aula de campo, divisão de três grupos, cada um desses acompanhado por uma professora e uma ou duas mulheres (Dona Marcelina, Joana, Niquinha e Cristiane), visita ao quintal e ao cerrado local, recolhimento de remédios, definição das tarefas que seriam desenvolvidas no dia seguinte, apresentações das especialistas locais e dos estudantes, exposição dos poemas e dos agradecimentos. As ações complementares se deram pela participação da jornalista Thaíse<sup>3</sup>, e pela aula ministrada através da senhora Sebastiana aos alunos da escola, bem como por visitas domiciliares e diálogos livres com outros moradores.

Em suma, o processo metodológico abrangeu todas as turmas da instituição. Dentre as ações desenvolvidas estão, ainda: aula de campo, teatro, poemas, paródias, abordagem oral dos estudantes e das mulheres que participaram do processo, além de diversas outras atividades feitas em gêneros textuais distintos, bem como por apresentações orais e em forma de vídeo.

## **4 - RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **4.1- Ações individuais por turma 6º e 7º ano do ensino fundamental (turma multiseriada)**

Dentro do conteúdo do 1º bimestre “notícias e receitas culinárias”, desenvolvemos algumas atividades com os alunos do 6ºano do EF. Primeiro tivemos uma conversa com os estudantes sobre o que seria feito, após, o encaminhamento das tarefas em dois grupos, onde cada um desses recolheu os remédios caseiros próximos da escola para fazerem as tarefas em sala. A professora, Ana Carolina, acompanhou um grupo e a pesquisadora (eu) acompanhou outro grupo. Ao retornar para a sala fomos buscar a receita com alguns parentes próximos à escola, outros estudantes buscaram aprender entre si mesmos e compartilharam o aprendizado juntamente com as professoras, as quais ajudaram neste processo de produção do conhecimento coletivo.

Nesse contexto, o primeiro grupo fixou as plantas numa folha chamex, e escreveu seus nomes e suas utilidades o lado da respectiva colagem. O segundo grupo teve a oportunidade de fazer algo diferente, ou seja, optou por trabalhar com a produção de vídeo, assim os integrantes ficaram debaixo de uma árvore, onde puderam desenvolver esse gênero. No vídeo

---

<sup>3</sup> No item 4.4 explico o trabalho que a jornalista Thaíse fez em minha comunidade.

eles explicavam as utilidades das plantas que eram demonstradas. No geral os educandos aprendiam de forma bem dinâmica e lúdica, o que de acordo com Pauletti, Rosa e Fenner (2014) é fundamental numa aprendizagem construtiva e significativa para o sujeito.

Atendendo ao programado, esses alunos trabalharam com receitas medicinais em forma de exsiccatas simples e com a produção de vídeos que expressavam orientações e receituários a partir das plantas medicinais, contexto no qual desenvolveu-se visitas às casas das mulheres para dialogar sobre seu conhecimento medicinal, tendo-se texto explicativo do processo de trabalho e produção de um vídeo em forma de reportagem. No **quadro 1** é apresentado um sumário das receitas e dos vídeos produzidos por esses alunos do 6º ano:

Quadro 1 – Receitas e vídeos apresentados por alunos do 6º ano do Ensino Fundamental

Grupo 1	Receitas	Grupo 2	Vídeos
	Folha do broto da goiaba – queima.		Abacate - chá para os rins.
	Flor de lobeira – fazer o chá para asma Picão – gripe, dor de garganta e infecções (chá da raiz).		Jatobá – a casca é boa para coluna e dor nas costas.
	Assa-peixe – (sumo) para pneumonia		Lima de cheiro – dor de cabeça.
	Limão – chá para tosse.		Mamão – flor e folha fazer o chá para verme.
	São Caetano – dor de ouvido (flor no álcool e pinga no ouvido).		Babosa – queimaduras, cicatrizes, as mulheres gosta de usar no cabelo, colocar na água para as galinhas é bom para gogo.
	Quióio – tosse (chá).		Tamarindo – o suco é vitamina, e a folha para os rins.
	Canelão – gripe (chá).		Urucum – é corante, colesterol e diabete.
	Urucum – colesterol (semente).		Canela – chá para acalmar.
	Sabugueiro – derrame cerebral, fazer banho.		Coco d’água – a casca dura trata ferimentos, o chá é bom para os rins, e a casca serve de adubo para as plantas.
	Pinhão – frieira e picada de cobra, o entre casca.		-----
	Babosa – cicatrizante de cortes.		-----
	Tamarindo – chá para os rins.		-----
	Goiaba – o entre casca para afta.		-----
	Algodão – sumo da folha para infecções.		-----
	Amora – chá da folha para acalmar e para os rins.		-----
	Pequi – chá da folha para os rins.		-----

Fonte: Elaborado pela autora a partir de atividade desenvolvida com alunos do 6º ano do Ensino Fundamental-CEC-I (2019).

O 7º ano fez uma notícia em forma de teatro. A tarefa inicial era uma notícia escrita sobre os remédios caseiros, mas eles pediram para usar tal gênero textual a partir de outro, no caso dentro de um teatro, o que foi atendido, até porque o estudo pretendia colaborar para a

formação epistêmica dos educandos (PIAGET, 1998). Na peça eles contaram a história de uma mulher cujo filho estava muito doente, tendo uma febre que não passava. Esta mãe não sabia mais o que fazer, então, ao ouvir um garoto gritar na rua “chegou na comunidade a mulher dos saberes medicinais”, esta leva o filho até a casa da referida senhora. Tal anciã os conduziu até um cantinho, onde guardava os seus remédios, enfim, essa medica a criança e recomenda à mãe para dar banho quente neste, “porque o remédio é fino”. Daí eles voltaram para casa, a mãe fez exatamente o que a raizeira recomendou e logo percebeu que a febre do filho estava abrandando, a mesma agradeceu a Deus. No dia seguinte a anciã foi até a casa ver como a criança estava de saúde, a mãe, contente pela ajuda da mulher, a agradece e elas se abraçam. As duas conversaram um pouco sobre a importância das plantas curativas, despediram-se e a peça finalizou-se.

Portanto, tais atividades estimularam a criatividade dos educandos e possibilitaram um prévio acesso desses aos conhecimentos peculiares que fazem parte desta comunidade do Cerrado e aos saberes pertinentes às plantas medicinais (EVANGELISTA, LAUREANO, 2007). Observa-se, por exemplo, que os alunos do 7º ano, estimulados pela metodologia epistêmica (PAULETTI; ROSA, FENNER, 2014) terminam por criar uma didática própria, inspirados pela liberdade de aprendizagem oferecida neste processo, o que tornou uma prática exaustiva em algo produtivo e interessante no âmbito cognitivo.

#### **4.2 - Ações individuais por turma 8º e 9º ano do ensino fundamental (turma multiseriada)**

Através do conteúdo reportagem, programado para o 1º bimestre do 8º ano do EF fizemos um trabalho conjunto sobre as plantas, o qual equivaleu a três horas-aulas. A turma foi dividida em dois grupos, sendo que, cada um desses fez um roteiro antes de ir à visita junto às mulheres da comunidade. O primeiro grupo visitou dona França e dona Joaquina. O segundo visitou dona Diolina e dona Darlete. A tarefa deles era perguntar a elas quais remédios essas conheciam e como esses eram usados no combate e prevenção de doenças. Após a pesquisa com as mulheres os alunos coletaram algumas plantas cujas propriedades foram aprendidas através das mesmas. Eles seguiram as receitas e fizeram os remédios em casa e os trouxeram para a aula do dia seguinte.

No outro dia, com os remédios já preparados, esses apresentaram oralmente os entendimentos obtidos junto às turmas do 6º e do 7º ano, nisso, fizeram uma explanação.

Destaco alguns dos ensinamentos que esses trouxeram para os demais educandos: folha de cana com alecrim são bons para os nervos e para se acalmar; limão com açafreão são bons para gripe e garganta; o álcool com a folha de algodão servem para dor de cabeça e ouvido estourado; a folha de pequi, de laranja e pau terra servem para dor de barriga; a folha do maracujá é calmante; a banana é boa para quem tem câimbras e também para quem sente a barriga vazia; o alho serve para dor no estômago e é controlador da pressão; a dipirona é usada para dor de cabeça; a banana roxa assada com semente de mastruz é boa para vermes; a babosa é para cicatrizar machucados; o leite com arruda serve para combater verme; amora serve para pressão; flor de São João e chagas servem para o coração; a pitomba é um bom remédio para derrame (Acidente Vascular Cerebral - AVC); o entre casca do baru serve para os rins; folha santa serve para gastrite, dor de barriga e para combater o câncer no início; a folha do algodão serve para infecções; o vinho do jenipapo com canela serve para anemia; o sumo da taioba serve para curar o problema de chia/asma; o chá da raiz e folha do carrapicho é usado para gorgolejar quando se está com infecção de garganta, também para gripe e banho da cabeça. E assim finalizaram suas apresentações.

Logo após foram gravar o vídeo explicando claramente o caminho percorrido até chegarem à reportagem e como aprenderam sobre as plantas medicinais. Os grupos fizeram também uma produção de texto sobre essas aulas relatando o processo do trabalho da pesquisa, o que serviu para a fixação da aprendizagem sobre tais ervas (GRANDI *et al*, 1989).

No vídeo destacaram quais foram as mulheres pesquisadas e quais eram as doenças e os efeitos dos remédios em prol dessas. Na produção esses alunos citaram que: para a pressão alta usa-se o chá ou sumo do chuchu; para rins e infecções urinárias faz-se o chá da folha da jaca madura, do caroço do abacate, do carrapicho e do picão; para cicatrizes usa-se o sumo do mastruz, o que vai sarar por dentro e por fora, porque é possível tomá-lo e colocá-lo em cima do machucado ou cirurgia; para gripe e para se acalmar usa-se o capim de cheiro e a erva-cidreira; para gripe e tosse usa-se o limão com açafreão (chá), o chá do hortelã e do vick. Dessa forma, encerrou-se o vídeo. Em aula, após todo o trabalho, perguntei aos alunos sobre o que acharam do trabalho, enfim, se tinham aprendido alguma coisa. Com isso, alguns responderam: “aprendi, porque nem sabia que folha de acerola e de cana era remédio<sup>4</sup>”, outra estudante ressaltou “achei a aula muito importante por que descobri algumas plantas que nem

---

<sup>4</sup>Informação verbal.

imaginava que era remédio<sup>5</sup>”, o que fortalece a importância desse tipo de trabalho para disseminação da aprendizagem sobre as herbáceas na escola (OLIVEIRA, 2012).

Algo importante em todo este processo de pesquisa e de geração de conhecimentos a partir das plantas medicinais é que em todas as turmas ocorre a interação entre os saberes locais que constroem uma farmacopeia popular (BRASIL, 2009) e a metodologia de ensino padrão, a qual acaba por ser adaptada à realidade e aos objetivos do estudo em questão. Por meio de Kleiman (2005) tem-se que tais características ajudam a fortalecer os letramentos sociais e o enfrentamento do tradicionalismo educacional, extremamente recluso a padrões que limitam a valorização dos diferentes saberes.

### 4.3 - Ações individuais por turma 1ª série do ensino médio

A partir de conteúdos ministrados em sala junto à turma da 1ª série do Ensino Médio, na disciplina de geografia sobre cartografia (mapas, croquis, obra de arte, cartas topográficas, plantas e gráficos), fizemos um trabalho diferenciado, o qual teve início em sala de aula, onde trabalhamos o tema: mapeamento das ervas medicinais dos quintais das famílias da comunidade São José. Após o levantamento fizemos um gráfico representando as plantas que eram em comum e as que eram diferentes nos quintais das famílias da comunidade.

Dividimos a turma em três grupos, cada grupo visitou quatro famílias. O 1º grupo visitou dona Marcelina, Neta, Dorama e Cristiane. O 2º grupo visitou Reis, dona Francilina, Joaquina e Dita. O 3º grupo visitou Diolina, Joana, tia Lorença e Niquinha. Tendo-se como propósito anotar os nomes das plantas e os modos de utilizá-las/utilidades, registrando-se os saberes de forma aplicada (CARVALHO, 2001; SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009).

O 2º grupo trouxe falas de uma moradora (Reis) “conheço pessoas que foram curadas de cisto no ovário usando o baço de algodão<sup>6</sup>”. Neste ínterim, teve uma estudante (Darlene) que afirmou “aprendi muita coisa, conheci remédios que não conhecia aprendi o nome deles e ainda vou levando remédio para meu ouvido, a folha santa<sup>7</sup>”. No **quadro 2**, está uma demonstração sumarizada das plantas levantadas por esses alunos e suas utilidades:

<sup>5</sup> Informação verbal.

<sup>6</sup> Informação verbal.

<sup>7</sup> Informação verbal.

Quadro 2 – Plantas e suas utilidades medicinais apresentadas pelos alunos da 1ª série EM

Planta	Utilidades Medicinai
Abacate	Chá da folha madura e pó da semente/caroço para rins.
Algodão	É bom para tudo, infecção uterina, entre outras.
Amora	Calmante, serve para nervosismo.
Aroeira	Limpa o útero, e é boa para infecções.
Babosa	Ressecamento, hemorróidas, tratamento para o cabelo.
Banana maça	Câimbra.
Capim linhaço	Chá para gripe.
Erva-cidreira	Calmante e serve para pressão alta.
Folha santa	Chá para gastrite e rins, a folha é aquecida e colocada em cima do caroço (ferida), serve para dor de ouvido.
Fumo e mostarda	A semente serve para derrame.
Mamão	A Folha combate vermes.
Manjeriço e limãozinho galego	Chá para gripe.
Mastruz	Combate vermes, cólicas, e é anti-inflamatório.
Pião	A raspa da casca colocada na água serve para picada de cobra.
Quitoco	Chá serve para dor no estômago.
Romã	Para garganta e infecções.
Vinagreira	Chá para emagrecer.

Fonte: Elaborado pela autora a partir de informações da Senhora Reis (2019).

Nisso, a Senhora Reis, uma das mulheres que recebeu a visita de um grupo, observou que os alunos levaram para si conhecimentos de seu quintal. Já o **quadro 3** apresenta o sumário realizado a partir da relação doença e cura (MACEDO, GEMAL, 2009), que é um complexo das informações obtidas pelos alunos através das especialistas locais: Dorama, Marcelina e Reis:

Quadro 3 – Sumário de doenças e dos respectivos remédios que possibilitam cura

Doença	Remédio (cura)
Anemia	Chá de raiz de picão, vinho de jenipapo com canela.
Asma	Sumo de assa-peixe, felinho, chá do carro santo, girassol.
Bagunça na cabeça/esquecimento	Óleo de mocotó, gema de ovo.
Bronquite	Chá e óleo de girassol.
Cisto no ovário	Baço de algodão com sal, pé de galinha com erva de bicho.
Colesterol	Carqueja, alho, quina, semente de urucum.
Coluna	Raiz de tucum, casca do jatobá, pó da milona e carqueja.
Conjuntivite	Leite materno e água de açúcar para pingar no olho.
Coração	Água de colônia, chagas.
Dengue	Chá de São Caetano e raiz de lima.
Depressão	Todo calmante é bom, como, por exemplo: chá da flor de chagas, amora, tamarindo, erva-cidreira, capim de cheiro, maracujá, água de colônia, etc.
Derrame	Sabugueiro, mostarda, fumo, carro santo, açafraão, noz-moscada.
Disenteria	Cordão de São Francisco.
Diabete	Carqueja, quina, laranja da terra, maracujá, pau de leite.
Diarreia	Cordão de São Francisco.
Dor de cabeça/ enxaqueca	Arnica, umburana, buchinha, lima de cheiro, resina de amesca.
Dor de ouvido	Flor de São Caetano no álcool - pingar um pinguinho no ouvido diariamente.
Febre	Chá da folha de laranja e limão.

<b>Doença</b>	<b>Remédio (cura)</b>
Feridas/machucado	Folha de goiaba.
Fígado	Folha de pequi.
Gastrite	Folha santa, pacari, olho de bananeira, barbatimão, tatarema.
Gripe	Açafrão com limão, vick com hortelã, etc.
Hemorróidas	Babosa
Hipertensão	Capim de cheiro, erva-cidreira, negramina, cana caiana, pitanga, chuchu.
Insônia	O chá da folha do tamarindo, folha de lima, amora, etc.
Labirintite	Chá do felinho, jurubeba e Quentro.
Nervo	Chagas, amora, brasa de fogo apagada na água, enfim todo calmante é bom.
Pneumonia	Assa-peixe, carro santo, óleo de pau.
Próstata	Babosa com mel de “oropa”, leite de pau-brasil, alho sempre verde.
Ressecamento	Chá da casca seca da laranja, babosa.
Reumatismo	Raiz de tucum.
Rins	Tatarema, baru, pacari.
Sangue sujo	Velame branco, “pau” de leite.
Sinusite	Óleo de pau.
Tosse	Limão com açafrão.
Úlcera	Leite de sangra d’água - tomar poucos os pingos na água.
Vermes	Folha e semente de mamão, sumo do quióiô. Tomar em jejum.
Falta de vitamina	Suco da acerola, laranja, tamarindo, limão, manga, cajá-manga.

Fonte: Elaborado pela autora a partir de informações das Senhoras Dorama, Marcelina e Reis (2019).

As atividades desenvolvidas colaboram para o desenvolvimento de conhecimentos sólidos e para o maior acesso dos educandos ao Bioma Cerrado e aos saberes tradicionais presentes na comunidade local. Segundo Carvalho (2001) essas atividades fortalecem a responsabilidade em comum dessas novas gerações, que podem contribuir para preservar aquilo que também é útil para suas vidas, como bem é o caso das plantas medicinais, por eles levantadas neste estudo procedimental e epistêmico.

#### **4.4 - 1º Ação coletiva 6º ano a 1ª série do Ensino Médio na Escola Estadual Calunga I - Extensão João De Deus**

Esteve presente nesta aula coletiva a jornalista Thaíse Torres da revista Darcy da Universidade de Brasília, a qual teve a proposta de ver como era a relação dos sujeitos locais com as plantas medicinais, e ainda, conhecer um pouco sobre o presente trabalho que se desenvolvia com os estudantes da escola e outras pessoas da comunidade. Na ocasião, esta profissional objetivava fazer uma matéria sobre “Os povos do Cerrado”, e nisso a recebemos com gratidão, a fim de que a mesma pudesse aprender um pouquinho da história deste lugar.

No dia 29 de janeiro de 2019, além dessa jornalista, estiveram presentes o fotógrafo Luís Gustavo e o motorista Alessandro. Essa equipe chegou ao local por meio de informações de três professores da UnB que tinham feito recomendações pertinentes a este estudo. Tal profissional faz matérias sobre diversos assuntos relevantes. A Universidade de Brasília, por sua vez, deseja mostrar o que é feito através dela e o que os seus estudantes/pesquisadores estão desenvolvendo fora de seu contexto. Sua matéria sairia na Revista Darcy, que é distribuída a diversos parlamentares, a órgãos/instituições públicas e a outras universidades, os quais são informados sobre o que se passa em várias partes do Brasil e do mundo.

Após sua chegada tivemos discussões sobre diversos assuntos, dentre eles: as plantas medicinais, as quais fomentaram a sua visita ao local, tendo-se apontamentos em torno da presente linha de pesquisa integrada ao curso do MESPT (Mestrado em sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais).

Como observado, sua edição era sobre “Os povos do Cerrado”, nesse caso ela veio para conhecer a forma de vida cotidiana na comunidade São José e que relação os moradores têm com o Cerrado, inclusive como são usados os frutos desse Bioma e as ervas medicinais. Neste contexto, retomando para o propósito deste estudo, tivemos essa profissional como mais uma aliada para desenvolver meu trabalho de pesquisa em campo, no intuito de mostrar o que havia de melhor nas plantas para a saúde humana, fortalecendo-se a metodologia integrativa e adaptativa dos procedimentos (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009).

Tendo o aval da coordenação da Escolar para seguir com a proposta de aulas diferenciadas e entre outros pontos que necessitaram de ajustes neste trajeto, continuamos a fazer visitas às casas dos moradores (as) da comunidade para saber mais sobre os modos cotidianos de suas vidas, tendo como foco a exploração dos usos das plantas medicinais. Além disso, busquei perceber a interação entre a escola e a comunidade no contexto de troca de conhecimentos, o que resultou no convite de algumas pessoas para participarem da aula de campo que seria ministrada no dia seguinte juntamente com todo o grupo (estudantes, professores, funcionários, pais e moradores da comunidade) na unidade de ensino. Por conseguinte, visitamos a casa dos seguintes moradores:

Jó e Marizete – um casal conhecedor de ervas medicinais. Seu Jó faz garrafadas para homens no sentido de fortalecer seu auto-estima.

Diolanda e Abenil – Diolanda é a atendente/agente comunitária do posto de saúde. Dialogamos sobre o uso diário do estabelecimento, o qual funciona de segunda a sexta-feira das 13 às 17hs, e quase não tem remédios para doar à comunidade, em decorrência do

financiamento precário da saúde pública. Esta profissional visita às casas das pessoas para medir a pressão e dar algumas orientações sobre a saúde, e na ocasião, ela abordou que na maioria das vezes recomenda o uso de remédios caseiros, os quais são mais acessíveis e gratuitos, além de terem bons efeitos para a saúde. Já Abenil salientou sobre a dona Cercunda, a qual era vista e considerada por todos como mãe, já que tinha pegado nos braços quase todos os mais novos da comunidade por ser a grande parteira e conselheira de todo povo local e das regiões circunvizinhas, sem contar o seu enorme conhecimento sobre as ervas.

Dorama – Destacou sobre algumas ervas que tem propriedade de cura, como a raspagem da goiaba que é boa para as aftas (feridas na boca), além de ser eficaz no combate à gastrite. E como prova das recomendações, a jornalista Thaíse utilizou o remédio, no intuito de combater uma afta, e para sua surpresa, no dia seguinte já estava quase curada, o que fomentou a aplicabilidade dessas plantas (BORGES, 2013).

Dona Marcelina – Mostrou algumas habilidades com a roda de fiar e abordou que já havia feito muitas roupas para os filhos através do fio e da tecelagem do algodão, sendo tudo feito em casa, indicando as diversidades dos usos do Bioma Cerrado (OLIVEIRA, 2011).

Katiane e Elismar – Destacou sobre a vida cotidiana vivenciada no campo com produtos colhidos da roça, nisso vivenciamos a vida corriqueira das crianças que se juntam para brincar de queimada nos fins de tarde.

Jaqueline – Enfatizou os diversos usos de plantas do dia a dia, como é o caso do entre casca da laranja da terra para o diabetes mellitus, e da casca para o sistema digestivo (intestino preso); o remédio no álcool para sinusite com buchinha/paulistinha, lima de cheiro, umburana, milona, arnica, resina de amesca; para gripe citou o xarope feito com muitas ervas medicinais, como a casca de manga, a folha de acerola, a folha de dipirona, de laranja, de limão, da manga comum, o hortelã gordo, hortelãzinho, o capim de cheiro, o capim linhaço, a erva-cidreira, o capim eucalipto, o canelão, o quioiô, a alfavaca, o vick, o poejo, a rapadura, dentre outros.

No dia 30 de janeiro de 2019 reunimo-nos na Escola para executar uma tarefa em comum junto aos professores e estudantes, a qual era a de fazer uma aula de campo usando o que tínhamos na comunidade. Nesse caso, fizemos uma caminhada no local, especialmente no Cerrado, tendo-se a oportunidade de falarmos sobre este Bioma e as suas peculiaridades.

Tivemos conosco a moradora Dorama que veio prestigiou-nos com o seu conhecimento tradicional sobre as plantas medicinais, assim ela apontou que os aprendizados advieram de sua avó, de sua mãe e de sua sogra, e na sequência apresentou-nos seu quintal. Lá foram observadas muitas diversidades de plantas medicinais, e tivemos o ensino de

receitas como as do abacate, da acerola, jaboticaba, jaca, taioba, umburana, babosa, limão, dentre outras. As demais visitas foram realizadas nas residências de:

Dona Marcelina – Andamos em seu quintal com muito cuidado para não estragar nenhuma planta, até porque ela é uma pessoa muito reservada e sistemática, o que indica o seu compromisso em preservar as ervas (BORGES, 2013). Porém, logo esta juntou-se a nós para explicar um pouco sobre seu conhecimento medicinal. Esta é nora de mãe Cercunda, com isso aprendeu muito com ela. Falou sobre remédios bons para infecções, rins e outros.

Evaldino – Este é um agente de saúde, que concedeu-nos informações sobre o quantitativo de moradores da comunidade de São José.

Francilina– Destacou sobre remédios bons para o coração, já que ela foi curada desse problema, destacou também sobre o derrame que teve e a importância que vê nos remédios caseiros.

Enfim, a jornalista Thaíse, aproveitando o processo deste estudo, fez várias entrevistas (Jó, Katiane, Raíssa, Vanderley, Ana Carolina, Lusmar, Rosilda, dentre outros) e abordou sobre diversos assuntos cotidianos da comunidade. Foi uma visita bastante produtiva e com empenho em saber como ocorria a organização, vivência e interação entre a escola e a comunidade.

Durante a aula com a Dorama visitamos o seu quintal e o de dona Marcelina. Com elas aprendemos muitas receitas usadas e que são repassadas à vizinhança e à comunidade em geral. Assim como pontuado por outras pessoas da comunidade, que foram visitadas durante esta pesquisa, a senhora Dorama afirmou: “Esses medicamentos são que mais o povo usa aqui na comunidade<sup>8</sup>”. O quadro 4 representa pontos específicos em torno de outras plantas apresentadas por esta especialista local:

Quadro 4 – Plantas medicinais e utilidades apresentadas pela especialista local, Dorama

Plantas	Utilidades
Abacate - folha e o caroço (pó)	Serve para os rins.
Acerola	Gripe (folhas e vitamina).
Amora	(Chá) para insônia, é calmante e sua fruta serve para fazer geleia.
Araruta	É uma tapioca cujo pó serve para dor de barriga. Usa-se junto com o limão ou com o sumo da erva-cidreira, combate a dor de barriga e hidrata o corpo.
Arnica	Dor de cabeça, labirintite, enxaqueca e sinusite.
Arruda	Dor no olho, inflamações por dentro, ela serve como antibiótico.
Babosa	É uma planta para o tratamento de próstata (homens) e hemorróidas. Usa-se o comprimido diariamente ou a casca e corta em cubinhos, coloca-se na água e bebe. Além de ser

<sup>8</sup>Informação verbal.

Plantas	Utilidades
	vitamina para cabelo.
Baru	Ele é para dor de barriga.
Baunilha	Chá muito gostoso para tomar – serve para o estômago.
Boa noite	Coloca dentro do álcool (uma ou duas flor) e cheira - é bom para dor de cabeça.
Camomila	Chá da folha e da flor -serve para gases.
Cana caiana	É calmante, sendo boa para quem tem problemas de pressão.
Canela	Pressão baixa – tomar o chá adoçado o dia a dia.
Canelão	Faz-se o chá – serve para gripe e verme.
Chagas	Faz-se o chá para calmante, insônia e é bom para o coração e para arritmia.
Chuchu	Pressão alta–corta ou rala na água.
Erva-doce	Chá – serve como calmante.
Folha santa	É bom para úlcera, gastrite e diversos problemas do estômago.
Goiaba	Tratamento de dor de barriga e afta, o brotinho serve para dor no estômago quando se está com queima (azia).
Jaboticaba	Tratamento do coração, arritmia, o vinho é bom para tosse e gripe, além de ser saboroso.
Jaca	Tratamento de rins - junta-se as folhas amarelas e coloca-se na água para cuidar dos rins.
Jatobá	Usado no tratamento da próstata.
Laranja da terra	Diabetes – usa-se o pó do entre casca da laranja. O chá controla os nervos e é bom para pressão.
Lima	O chá é calmante e a raiz e boa para dengue.
Losna	Estômago alto cheio.
Mamão	É uma fruta boa, além de ser boa para dor de barriga, faz-se o chá. Serve também para o estômago e a semente dele é boa para verme, a qual deve ser posta na brasa com rapadura.
Matruz –antibiótico, anti-inflamatório	Usa-se como cicatrizante ou quando se faz cirurgia ou machucase.
Poejo	Colocá-lo na água e tomá-lo, é usado para criança recém-nascida no combate a dores estomacais/cólicas.
Sabugueiro	Chá de sabugueiro é ótimo para gripe.
São Caetano	Dor no ouvido - essa florzinha amarela é colocada no álcool, curte por uns dias, daí o líquido fica amarelo, depois coloca-se no algodão e pinga-se no ouvido.
Taioba	Pneumonia – faz-se o sumo para tomar.
Tamarino	Chá da folha - para o tratamento de colesterol, calmante, trata insônia, e a massa dele serve para regular o intestino (preso).
Tipil	É para verme e também para gripe.
Umburana	Usa-se no tratamento de cólica de frio e menstrual, febre, gripe e gastrite.
Vick	Gripe.

Fonte: Elaborado pela autora a partir de informações da Senhora Dorama (2019).

No quintal de dona Marcelina, a Dorama pediu a cooperação de todos para não pegar nada no quintal da sogra, alertando para a conservação do mesmo. Um estudante interferiu a raizeira e disse: “minha avó faz os picadinhos da babosa e coloca na água para as galinhas porque é bom para gogo e usa também no cabelo, ela fala que é bom para hidratar o cabelo<sup>9</sup>”,

<sup>9</sup>Informação verbal.

demonstrando a influência familiar nesse aspecto. Outros destaques feitos por Dorama permaneceram a seguir sobre os usos das seguintes plantas:

Tamarino – o chá da folha serve para o tratamento do colesterol, é calmante, combate a insônia. A sua massa ajuda a regular o intestino (preso), além do *mousse* que é muito bom. “a minha sogra quebra umas folhas de tamarino, chagas, folha da cana caiana, amora e faz o calmante natural para o meu sogro por que ele tem insônia<sup>10</sup>”.

Baru – este serve para dor de barriga. A casca e a vagem podem ser amassadas e colocadas no vinho de uva porque são boas para a próstata. Servem para o estômago, combatem a gastrite, são anti-inflamatórias. O entre casca é bom para os rins, e por apertar no paladar é bom para a garganta e para a cicatrização de feridas, sendo uma planta do cerrado.

Umburana– é uma vagem pequenininha de importância fundamental para os moradores locais que dependem desses remédios. A vagem passa por um processo de secagem até formar um pó, com sabor um pouco amargo, esta é cicatrizante e anti-inflamatório. É empregada no tratamento de cólica de frio e menstrual, para febre, gripe e gastrite, a partir do uso diário de uma colher de chá do pozinho, esta é capaz de curar qualquer um desses problemas citados, o que é comprovado pelas famílias do lugar.

Jatobá – a sua resina e a sua fruta ajudam na sobrevivência das famílias e até dos animais do cerrado. Usado no tratamento da próstata com vinho (pela perfuração do caule) também é bom para o coração, coluna, gastrite, dor de barriga, e para desconfortos estomacais.

A jovem Dorama apontou ter conhecimentos sobre muitas plantas do Cerrado, mas reiterou que a sua sogra tem informações bem mais aprofundadas, o que a ajudou a aprender muito sobre os remédios oriundos das plantas medicinais na comunidade. Nos apontamentos dessa raizeira houve um importante destaque, especialmente quando esta observou que: “nós aprendemos juntos, eu nunca sei de nada e nem ninguém sabe, vamos ensinando e fazendo os remédios e comprovando se realmente é bom<sup>11</sup>”.

O parecer de Dorama em muito relaciona-se com o que Oliveira (2012) destaca como sendo um processo natural de transmissão de conhecimentos sobre as plantas medicinais, o qual acontece na célula familiar primária e transcende para outros núcleos que formam as comunidades do Cerrado, vindo a popularizar os usos e costumes pertinentes.

A jornalista Thaíse, que se apresentou como uma colaboradora neste processo, fez uma breve síntese sobre o uso do tamarino, da amora e da folha de chagas que juntos são

<sup>10</sup> Informação verbal.

<sup>11</sup> Informação verbal.

calmantes; falou sobre o chá de sabugueiro que é bom para gripe; sobre a babosa que é boa para as hemorróidas e a próstata; sobre a arnica que serve para labirintite, sinusite e enxaqueca. Na sequência esta questionou aos alunos se alguém sabia de tudo. Esses responderam de forma negativa. Num segundo momento, ao questionar sobre quem já sabia de um ou de dois remédios, parte dos estudantes responderam que já sabiam sobre alguns.

No caso de Tia Marcelina, esta ensinou para os estudantes que: “se não tem a planta no quintal, temos que buscar na roça ou no cerrado [...], porque tem planta que depende do lugar<sup>12</sup>”, indicando o processo de variedade do Bioma Cerrado (EVANGELISTA; LAUREANO, 2007).

A jornalista Thaíse perguntou para dona Marcelina se tinha remédio para esporão de galo, ela respondeu que: “remédio para esporão de galo nós ainda não sabemos, pois, essa doença é novata [...]”<sup>13</sup>. Nisso, Dorama enfatizou que: “tem muitos remédios, mas é preciso andar mais no cerrado<sup>14</sup>”. O que demonstra que mesmo essas especialistas percebem a importância da pesquisa e da exploração de novos conhecimentos vinculados a tais plantas (CARVALHO, 2001).

Dona Marcelina e Dorama apontaram que para infecções de urina, infecção vaginal, rins, usa-se muito o baru, a umburana, a farmácia inteira, o velame branco, a salsa do campo. Ressaltaram que a farmácia inteira é mais eficaz para: corrimento, cólica menstrual, para limpar por dentro após uma cirurgia, e ainda, serve para cicatrizar e prevenir infecções na parte interior de uma perna quebrada. “Eu mesma usei muito a farmácia inteira quando fiz uma cirurgia<sup>15</sup>”, disse Dorama. No quadro 5, tem-se o sumário de plantas medicinais apontadas por dona Marcelina:

Quadro 5 – Plantas medicinais e utilidades apontadas por dona Marcelina

Plantas	Utilidades
Verdadeira, velame branco e bureré	São bons depurativo para o sangue, combatem infecções.
Erva de bicho	Cura vinte e sete qualidade de doenças.
Chapéu de couro	É bom para reumatismo.
Tucum - (coquinho do campo/cerrado)	A raiz no vinho é boa para reumatismo.
Matruz e algodão	Cicatrização de ferimentos e cirurgias.
Azedinha	Ferida na boca.
Pacari	A casca é boa para pneumonia, gastrite, tosse, gripe e rins.
Farmácia inteira	Infecções de urina, rins, cólica menstrual, para recém-operado, para corrimento vaginal, quebrado de perna ou braço.
Salsa do campo	Também é bom curar infecções.

Fonte: Elaborado pela autora a partir de informações da Senhora Marcelina (2019).

<sup>12</sup> Informação verbal.

<sup>13</sup> Informação verbal.

<sup>14</sup> Informação verbal.

<sup>15</sup> Informação verbal.

Após esta aula de campo voltamos para a escola. Lá desenvolvemos algumas atividades relacionadas às visitas às raizeiras Dorama e a dona Marcelina, portanto, os alunos produziram e apresentaram atividades do teatro e do poema sobre as ervas medicinais.

No Teatro sobre as plantas medicinais – os estudantes apresentaram uma peça demonstrando como são os atendimentos médicos e os medicamentos farmacêuticos, retrataram a realidade do povo brasileiro nas filas dos postos de saúde e dos hospitais em busca de atendimento. Por outro lado, havia uma anciã da comunidade ensinando sobre os remédios caseiros, os quais tinham uma cura mais precisa e sem contra-indicações. Na cena, a esposa do médico não aguentava mais tomar remédios de farmácia, o marido encontrou uma anciã da comunidade São José e pediu ajuda para esta, que tinha vasto conhecimento sobre as plantas medicinais. Tal senhora ensinou para a esposa do médico que esta deveria tomar o chá da folha e do caroço de abacate, pois isso a ajudaria a ficar curada, mas teria que fazer uso diário. A anciã afirmou que esses remédios da farmácia eram venenos. E assim a cena foi finalizada com o médico agradecendo a senhora pela ajuda à sua esposa. A figura 2 apresenta o poema produzido pelos alunos sobre as ervas medicinais:

Figura 2 – Poema sobre ervas medicinais

**Poema: Ervas medicinais**

Senhores e senhoras peço licença para meu poema recitar  
 Espero que todos estejam a ele escutar  
 Sobre mulher agora vamos falar  
 E para cada mal um chá pode curar  
 O chá de camomila serve para acalmar  
 Barbosa serve para o verme se espantar  
 E a pedra dos rins pode acabar  
 A folha do limão pode até se amargar  
 Mas é bom que a nossa doença ele também pode curar  
 Queremos agora também agradecer Dorama e dona Marcelina por nos ajudar  
 Com paciência as plantas medicinais elas pode explicar  
 Agradecemos a todos por ter nos escutado  
 A este poema que acabamos de recitar.  
 (Grupo de estudantes)

Fonte: Grupo de alunos do 6º a 1ª série do Ensino Médio EEC-I (2019).

A aula foi finalizada com um poema de agradecimento aos visitantes e participantes que colaboram com as ações, como foi o caso da Thaíse e da merendeira Jaqueline. O complexo dessas ações que envolveram diferentes atividades educativas e formativas do sujeito foram essenciais para despertar o interesse não somente dos indivíduos da Escola como também de outros atores sociais do lugar e de outras localidades, o que leva a perceber

a transcendência dessa temática (MACEDO; GEMAL, 2009). Neste sentido, percebeu-se que não apenas as mulheres raizeiras, consideradas especialistas locais, envolveram-se neste processo como também foi possível influenciar outros moradores da região, que demonstraram que a transmissão do conhecimento sobre as plantas medicinais é algo rotineiro e que faz parte da existência do povo do Cerrado (BRASIL, 2006). Portanto, é preciso valorizar essa dinâmica social como meio para incentivar um ensino escolar diferenciado e ajudar na preservação dessa cultura e desse Bioma.

#### **4.5 - 2ª Ação coletiva 6º ano a 1ª série do ensino médio na Escola Estadual João De Deus – Extensão Calunga I**

A segunda ação que envolveu os alunos do 6º ano do EF a 1ª série do EM compreendeu a visita às casas das mulheres (especialistas locais em plantas). Na ocasião, essas foram convidadas para a aula de campo, e mais uma vez tiveram o desafio deles produzirem os seus conhecimentos junto aos alunos e professores. Em tal etapa empreguei três horas-aulas nas tarefas de campo, tendo-se ao final o compartilhamento de experiências e de aprendizados entre todos os envolvidos nesse estudo.

Antes, numa quarta-feira os alunos foram estimulados a falarem e a avaliarem as aulas diferenciadas que estavam tendo, e ao mesmo tempo orientados quanto ao trabalho posterior, o qual seria desenvolvido direto no Cerrado sobre as plantas medicinais.

No dia seguinte, logo pela manhã, reuni todos os professores para combinarmos os detalhes finais. Em seguida dividimos os estudantes em três grandes grupos, de forma que cada educador acompanhou um desses juntamente com as mulheres que puderam participar das atividades de campo, estando presentes: dona Marcelina, Cristiane, Niquinha e Joana. Na divisão dos grupos repassamos algumas regras aos estudantes, até para que estes prestassem atenção nas explicações das mulheres e ficassem sempre juntos aos professores, a fim de evitar dispersões e outros incidentes.

Nesse contexto, o professor Lusmar ficou com um grupo que estava mais próximo da escola e que também foi acompanhado por dona Marcelina. A equipe teve a tarefa de fazer um relatório de todo processo. Os outros dois grupos foram para o Cerrado em busca das ervas que estavam mais longes. A professora Ana Carolina esteve acompanhada por dona Joana e Niquinha, e a tarefa do grupo delas foi fazer uma propaganda dos remédios caseiros. Já o grupo no qual estive envolvida como professora e também pesquisadora foi acompanhado pela moradora Cristiane, e a nossa tarefa foi fazer uma cartilha (a qual é parte

integrante da pesquisa em questão). Os três grupos tinham algo em comum, ou seja, todos tiveram que recolher junto às mulheres as ervas encontradas pelo caminho de estudo. As plantas recolhidas foram utilizadas na apresentação feita no dia seguinte pelos estudantes e também pelas mulheres, que analisaram e verificaram o que eles tinham aprendido com elas.

No processo de apresentação, cada grupo se posicionou atrás da mesa onde estavam os remédios recolhidos em campo. Os participantes abordaram sobre as propriedades medicinais das plantas que conheceram. O processo foi encerrado com a declamação de um poema que tratava de toda a trajetória das tarefas feitas, sendo isso acompanhado por agradecimentos coletivos da pesquisadora e demais professores, tendo em vista a colaboração de todos no desenvolvimento de atividades diversificadas e que contribuíram para a valorização dos saberes e dos sujeitos do Cerrado (BORGES, 2013).

Em geral, as ações promovidas possibilitaram um importante vínculo dos educandos com a comunidade e com o meio social que compreende os usos e os costumes em torno das plantas medicinais (OLIVEIRA, 2012), as quais são empregadas nos mais distintos tipos de doenças, como bem foi possível identificar nos tópicos anteriores.

#### **4.6 - Análise de algumas falas das mulheres pesquisadas**

Nesta parte, fiz fazer um apanhado das falas de alguns dos participantes que contribuíram para o entendimento da relação desses com as plantas medicinais e o que essas significam para a vivência do povo na comunidade de São José. A princípio, observe as falas das especialistas locais:

“Não existe povo pra cuidar bem de doente como aqui no São José, passei mal e saí de casa, mas larguei a casa cheia de gente. O povo da cidade procura muito esses remédios de mato, eu tenho várias encomendas de garrafadas” (Judite)<sup>16</sup>.

“O remédio de farmácia é bom na hora, depois a dor volta e tem que tomar de novo e de novo, já o remédio do mato cicatriza o problema, e cura mesmo” (Diolina)<sup>17</sup>.

“Pessoas de Goiânia me fazem encomenda desses remédios daqui do mato<sup>18</sup>” (Niquinha). “Os remédios do mato curam, porém é um tratamento prolongado de três meses, seis meses e até um ano de uso diário, mas quando cura, cura mesmo<sup>19</sup>” (Dona Marcelina/Vintino).

<sup>16</sup>Informação verbal.

<sup>17</sup>Informação verbal.

<sup>18</sup>Informação verbal.

<sup>19</sup>Informação verbal.

Dona Marcelina relatou que “a depressão é uma paixão e o povo é que mudou o nome dela, mas ela é a paixão que temos por algum motivo que nos leva a ter baixa auto-estima, a ficar triste<sup>20</sup>”.

“O meu filho foi curado de uma ferida que vivia cheia de pus, com a casca de sucupira. Naquela época não tinha condição de comprar outros remédios, então os que nos salvavam eram os nossos daqui mesmo. A sucupira é um antibiótico<sup>21</sup>” (Donília).

“É um processo que demora, mas quando cura é para sempre. É importante os mais jovens aprenderem sobre remédios caseiros<sup>22</sup>” (Dorama).

“O melhor dos remédios do mato é que eles curam mesmo. Minha sobrinha tinha uma dor de barriga que a levava a rolar no chão, aí Ilário Ribeiro ensinou para nós um remédio [...], com um tempo de uso, ao fazer xixi, saiu um tanto de pus, com isso acabou a dor dela<sup>23</sup>” (Dona Francisca).

As mulheres do local trazem em suas falas a relação de pertencimento local e de determinada apropriação dos conhecimentos e dos efeitos práticos das plantas medicinais (EVANGELISTA; LAUREANO, 2007), de modo que ao se referirem a esses recursos conseguem demonstrar que se forem empregados no combate à determinada enfermidade, o paciente seguramente estará curado. Essa certeza nem sempre é possível ouvir no âmbito farmacêutico ou da medicina convencional (VIEIRA; SOUSA; LEMOS, 2015). Enfim, tais especialistas trazem em seus relatos a transmissão natural do conhecimento apropriado no decorrer de suas vidas, sendo capazes de influenciar com esses saberes a toda comunidade, sendo verdadeiras mobilizadoras sociais e ambientais para a defesa e proteção dessas ervas que são importantes patrimônios concebidos pela natureza à localidade.

#### **4.7- Análise de outras visitas às casas e das receitas dadas pelas mulheres**

A partir da observação do dia a dia presenciamos muitas trocas de conhecimentos por meio da oralidade, e através destas observações enfatizamos a relevância desse trabalho. O compartilhamento das experiências é fundamental para a preservação desses saberes e fazeres medicinais da comunidade São José (BRASIL, 2009). O quadro 6 apresenta de forma detalhada as variedades de plantas encontradas com base no quintal do especialista ou morador da localidade:

<sup>20</sup>Informação verbal.

<sup>21</sup>Informação verbal.

<sup>22</sup>Informação verbal.

<sup>23</sup>Informação verbal.

Quadro 6 – Variedades de plantas localizadas nos quintais da comunidade

<b>Especialista Local/proprietário do quintal</b>	<b>Planta localizada</b>	<b>Propriedade medicinal/Receita</b>
<b>Joana</b>	Losna	Para o fígado (comer a folha), e para diabetes (o chá).
	Babosa	Fazer o comprimido para hemorróidas e câncer, e para próstata a babosa com mel.
	Tamarindo	Chá para gases e insônia.
	Tatarema e barba de cavalo	Rins (chá).
	Arruda	Fazer banho para mulher no pós-parto ou que estiver com algum tipo de infecção vaginal/urinária- serve para cólicas também.
	São Caetano	Dengue e dor no ouvido.
	Quitoco	O chá serve para cólicas menstruais.
	Mamão	A flor serve para colesterol, a folha é boa para vermes e para soltar o intestino.
	Folha santa	Esquentar a folha e colocar na testa- é bom para dor de cabeça, além de ser excelente para gastrite, ou melhor, doenças do estômago.
	Fumo	Semente para o derrame, o sumo é bom para queimadura de lagarta, o fumo junto com a cinza usa-se para conservar os dentes mais brilhantes e saudáveis.
<b>Joana</b>	Aranto	Câncer.
	Mulatinha ou batatinha	Cólicas (o chá), e o sumo serve para cortes em algum tipo de acidente.
	Algodão	Fazer o baço e tomar para limpar o útero, é anti-inflamatório, pode-se tomar tanto o sumo quanto o baço/vinho- serve para quem está de repouso cirúrgico.
	Pacari	Tira-se o entre casca, faz-se o chá para afta, para dor no estômago (queima) ou gastrite.
	Leite do pau Brasil	Próstata.
	Mestraço	Menopausa (calor no corpo).
	Romã	Infecções/inflamações na garganta, para cisto, batê-la com babosa no refrigerante.
	Batatão	Purgante para limpar o intestino, além de ser bom para cachorro com peste.
	Açafrão	Derrame, câncer e gripe.
<b>Joana</b>	Cordão de são Francisco -	Gases (chá).
	Araruta	O polvilho dela serve para dor de barriga, é refrescante para tempos muito quentes.
	Maracujá	Calmante, e o pó de sua casca é bom para diabetes.
	Hortelã gordo	Melado serve para gripe
	Canelão	Gripe e chá doce para o dia a dia.
	Carro santo	A semente serve para derrame.
	Gengibre	Garganta inflamada, gripe. Fazer o chá doce para os dias frios porque ela é quente então é viável para a época.
Quento	Sumo para quem foi picado de cobra.	

<b>Especialista Local/proprietário do quintal</b>	<b>Planta localizada</b>	<b>Propriedade medicinal/Receita</b>
<b>Mizaela (Niquinha)</b>	Rabo de tatu, carqueja, jamelão, pata de vaca, canela de veio, pereira tatu, quina, pó de laranja da terra, quiabo, leite da mangaba.	Diabetes - faz o chá de cada um separado. Rabo de tatu (raiz), carqueja, jamelão, pata de vaca, canela de veio (veludo), pereira tatu (casca/raiz), quina (entre casca), pó de laranja da terra, quiabo corta três quiabos tira a cabeça e corta o corpo dele em três pedaços na água e bebe, leite da mangaba bebe as gotinhas na água e tem que ser coada. Quase todos estes remédios amargam.
	Verdadeira, papa-conha e pé de perdiz	Para saúde da mulher, verme, tosse.
<b>Mizaela (Niquinha) e Judite (Dita)</b>	Carqueja	Colesterol e diabetes.
	Mestraço	Gases.
	Óleo de pau	Sinusite e para urinar melhor.
	São Caetano	Verme, diabetes, colesterol, dengue, dor de ouvido.
	Lima	Dengue (raiz), além de ser boa pra quem não dorme direito.
	Quioiô	Verme.
	Berinjela	Colesterol e diabetes, coloca-se na água e bebe.
	Sete dores	Cheio no estômago – esfregá-lo coloca-lona água e beber.
	Babosa	Gastrite – em comprimido ou colocada na água.
	Folha santa	Rins (sumo) e a folha quente na testa serve para dor de cabeça.
	Girassol	Derrame e chia (chá).
	Folha de laranja	Gripe (chá).
	Quento	Tosse, rouquidão (roco), e é contra venenos.
	Graviola	Câncer.
	Tamarindo	Chá da folha é calmante – serve para pressão alta, insônia, e para baixar hormônios.
	Quiabo	Diabete - cortar as toras, colocá-las na água e beber.
	Chincha	Picada de cobra.
	Chicória (quentão)	Gripe.
	Vinho de jatobá	Gastrite e próstata.
	Vinho de jenipapo	Anemia.
	Vinho de jabuticaba	Gripe
	Amora	Pressão, baixar hormônios da mulher na época da menopausa.
	Losna	Estômago e próstata.
	Folha de pequi	Fígado.
	Açafrão	Gripe e cicatrização de corte.
	Algodãozinho	Queima e gastrite.
	Mangaba	Dor de barriga, coluna e diabetes.
<b>Mizaela (Niquinha) e Judite (Dita)</b>	Ipê roxo com graviola (casca)	Câncer.
	Angico	Câncer (casca).
	Três folhas	Aumentar “o viço” (disposição sexual).
	Vergateza	Aumentar o calor.

<b>Especialista Local/proprietário do quintal</b>	<b>Planta localizada</b>	<b>Propriedade medicinal/Receita</b>
	Catinga de porco	Aumentar o fogo.
	Baru	Coluna rins e aumentar o “Cio” (disposição sexual)
<b>Mizaela (Niquinha) e Judite (Dita)</b>	Jiló	Reumatismo.
	Aroeira	Maleta.
	Alho sempre verde	Próstata.
	Chá de alho	Colesterol.
	Urucum	Colesterol.
	Jurubeba	Labirintite (chá).
	Quento	Labirintite (chá).
	Carro santo	Asma e derrame (chá).
	Noz-moscada	Derrame.
	Brasa de fogo	Apagar a brasa na água- é ótimo para nervo
	Erva-cidreira, Nelvagina, alho, cana caiana, pitanga (chá) e o chuchu o suco ou o sumo dele ralado	Pressão alta.
	Canela e cravo	Chá para pressão baixa.
	Sal	Pressão baixa.
	Negramina	Controla a pressão seja ela baixa ou alta.
	Água de colônia	O chá para nervo e melhorar os batimentos do coração.
	Garioba	Caldo para diabetes.
	Assa peixe	Pneumonia.
	Folha de abacate e jaca	Rins.
	Milona e carqueja	Coluna (fazer o pó).
	Azeite e mamona	Purgante para limpar o intestino.
	Banana nanicona	Câimbra.
	Unha de lagartixa	Rins.
	Pau de leite e bureré	Furúnculo (tumores/feridas), são depurativos do sangue
	Saúde das mulher	Infecções uterinas.
	Cansação	Depurativo do sangue e anti-inflamatório.
	Verdim	É bom pra todo tipo de infecções.
	Folha de algodão é antibiótico fortíssimo, se tomar muito cai até o cabelo.	Cicatrizante com o sumo tanto para beber como para fazer compressa no machucado, é antibiótico.
	Suma – (raiz)	Anti-inflamatório.
	Gritadeira ou douradinha	Rins, é anti-inflamatório.
	Maria veia (Mamacadela) e bureré	Depurativo do sangue.
	Ribabe	É bom para mulher, é anti-inflamatório
	Velame branco	Anti-inflamatório.
Roseta	Anti-inflamatório.	
Trançagem	Infecções.	
Mastruz	Inflamação.	
Leite de sangra d´água	Inflamação no útero, úlcera, estômago (gastrite).	
Farmácia inteira	Depurativo do sangue, ajuda a emagrecer, trata barriga alta quando está sentindo	

<b>Especialista Local/proprietário do quintal</b>	<b>Planta localizada</b>	<b>Propriedade medicinal/Receita</b>
		“aquela ruindade no estômago”, doenças venéreas como gonorreia, crista de galo, dentre outros males.
	Quitoco, quina, alcanfor e arruda	Limpa o útero. Usar no início da menstruação para sair tudo de ruim que estiver dentro, principalmente essas mulheres que tomam anticoncepcional e que depois quer ter filhos, se não limpar o útero primeiro é perigoso.
<b>Mizaela (Niquinha) e Judite (Dita)</b>	Papa-conha e verdadeira	Faz-se o doce para a mulher engravidar, limpa o útero, e é bom usar quando estiver menstruada.
<b>Diolina</b>	Sabugueiro	Fazer banho para derrame.
<b>Mizaela (Niquinha) e Judite (Dita)</b>	Garrafada para mulher	Tratamento uterino e outros.
<b>Dona Francisca e Dorama (mãe e filha)</b>	Cotó-cotó	Chá da folha para o coração.
	Tucum	Reumatismo e coluna
	Farmácia inteira, Oreia-donça, Lobeira, Japicanga, Marmelada, Barbatimão, Folha de vaqueiro – Miroró, Carrapicho barra de saia, carrapichão e carrapicho barba de bode, Picão e carrapicho.	Infecções urinárias, vaginal, dentre outras.

Fonte: Elaborado pela autora a partir de informações das Senhoras Joana, Misaela, Judite, Francisca e Dorama (2019).

Em síntese, 25 variedades foram encontradas no quintal de dona Joana. E nisso, tornou evidente que pessoas como dona Misaela (Niquinha), podem ter uma renda complementar através da realização de garrafadas para diabetes e outras doenças. Algo que foi viabilizado pelo conhecimento adquirido a partir de outros ancestrais como dona Jacinta que explorava o Cerrado e seus poderes medicinais de manhã até a noite. A seguir, são apresentadas duas receitas mais específicas com seus modos e usos de acordo o cotidiano da comunidade e que foram repassadas por dona Niquinha e dona Judite:

Receita 1 – Comprimido para diabetes – este é feito de fel de gado, pó de quina, milona, pó de laranja da terra, carqueja, camomila, babosa, sumo da folha de graviola e de São Caetano. Tudo junto pode ser socado no pilão até formar o sumo, depois mistura-se a este o trigo, o pó e o fel de gado, daí é só fazer os comprimidos e colocá-los para secar na sombra. Este é bom para muitas doenças nem só para o diabetes, como por exemplo, o colesterol, gastrite, devendo tomá-lo uma ou duas vezes por dia.

Receita 2 - Garrafada para mulher – usa-se verdadeira, velame branco, unha de lagartixa, farmácia inteira, carrapicho, picão, papa-conha, quina, quitoco, trançagem, roseta, ribabe, bureré, Maria veia, gritadeira, suma, verdim, cansação, aroeira, pé de perdiz, pé de

galinha, algodãozinho do campo, três folha, tiborna, etc. Todas as raízes devem ser quebradas juntamente e colocadas no vinho seco, sendo preciso deixá-las curtir entre quinze a trinta dias e tomar diariamente uma dose pequena (3 colher).

Receita 3 – para hipertensão e/ou insônia, e calmante para quem está nervoso ou estressado – utiliza-se folhas de: lima, capim de cheiro, cidreira ou Nelvagina, negramina e cana caiana, coloca-se para ferver tudo junto, o chá deve ser tomado assim que estiver em temperatura mais baixa.

#### **4.8- Análise da aula ministrada por dona Sebastiana nas atividades coletivas**

Neste ponto, atesto que a aula oferecida aos alunos da Escola através da senhora Sebastiana, que com 88 anos de idade foi importante apoiadora desde trabalho, o que serviu para selar as atividades anteriormente desenvolvidas de forma individual e coletiva. A participação dessa especialista deu-se por meio da ação de compartilhamento dos saberes tradicionais da comunidade, tendo-se por base a transmissão do conhecimento sobre as plantas medicinais aos jovens estudantes como bem aconselha Borges (2013).

Assim como destacado nas atividades de campo já apresentadas, Dona Sebastiana respondia às perguntas dos educandos, os quais apresentavam questões no contexto de uma roda de conversa que foi desenvolvida para facilitar a dialogicidade no processo de transmissão de conhecimentos através das plantas.

Os estudantes tinham como ponto de partida a pergunta: o que é bom para esta doença? E a dona Sebastiana, na sequência apresentava as indicações medicinais e modos de uso, já compreendendo muitos dos destaques apresentados neste estudo. Em suma, esta apontou remédios naturais para doenças como: problema de coração, coluna, esquecimento/perda de memória, tosse e gripe, diabetes, hérnia, problema nos rins, vômitos, dor de barriga, sinusite, cólicas menstruais, derrame (AVC), enxaqueca, e entre outras que surgiam naturalmente a partir dos diálogos.

Ao final dessas aulas os alunos tiveram a oportunidade de refletirem sobre os conhecimentos obtidos com dona Sebastiana, o que foi socializado junto aos professores da escola. Isso culminou na produção trabalhos como: poemas e paródias, os quais foram desenvolvidos por grupos de alunos e que estão expressos na cartilha didática.

Figura 3 – Aula ministrada por dona Sebastiana



Fonte: Álbum da autora (2019).

#### **4.9- Aspectos em torno da cartilha produzida**

Nesse contexto, além desse artigo, produzi uma cartilha que também foi um material escrito e ilustrativo, construído a partir da colaboração de professores, alunos e dos moradores/especialistas locais em plantas. Nela foram registrados de forma específica as ervas medicinais e suas utilidades. Por ela, tem-se a importância do compartilhamento e da valorização dos saberes que fortalecem as práticas culturais, sociais e interculturais da localidade estudada. Esse conhecimento deixado pelos ancestrais precisam ser reconhecidos e valorizados como inovação no âmbito do atendimento em saúde, uma vez que há evidência de sua contribuição para diversos tratamentos protagonizados pelas famílias da comunidade de São José (VIEIRA; SOUSA; LEMOS, 2015).

Nessa linha, tal instrumento didático serve para apresentar, de forma simples, as possibilidades de cura para as doenças atrelando os conhecimentos da escola aos da comunidade, reforçando e afirmando a identidade dos sujeitos do campo. Por meio dessa cartilha, produzida através da participação coletiva e democrática do público alvo, consegue-se falar da medicina popular e demonstrar o quanto os saberes em torno dos usos das plantas do Cerrado associam-se à vida cotidiana dos moradores e daqueles que visitam e participam das vivências neste contexto social.

## 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conhecimento tradicional das plantas acompanha a humanidade desde os tempos mais remotos. É um saber transmitido ao longo das gerações e que salva vidas por seus valores e possibilidades de cura de diversos tipos de doenças, são ervas que demonstram probabilidades de melhores condições de vida para quem vive em comunidades tradicionais.

A prática da aprendizagem coletiva e partilhada trouxe grande êxito no processo do ensino-aprendizagem dos estudantes de diversas escolas no país (PAULETTI; ROSA; FENNER, 2014), e estudos têm demonstrado a valorização dessas práticas inovadoras/diferenciadas nas redes educacionais, o que também pode ser visto no trabalho desenvolvido na comunidade de São José.

Portanto, temos que dar vozes aos sujeitos que são protagonistas e que fazem parte das práticas interculturais ligadas ao uso sustentável do Bioma Cerrado. É algo gratificante podermos contribuir para o cunho deste trabalho colaborativo e participativo. Sendo assim, por esse entendimento, temos a chance de dar a oportunidade para as próximas gerações continuarem a fortalecerem a transmissão dos saberes empíricos de forma a interligar a educação escolar com as sabedorias da comunidade.

O presente trabalho baseou-se em conhecimentos tradicionais sobre as plantas medicinais transmitidos ao longo das gerações pelos ancestrais da comunidade estudada, a qual é formada por núcleos familiares, que são unidos pelo parentesco e pela relação com esses recursos naturais que trazem sobrevivência e cura a seu povo.

Por intermédio deste estudo, percebi que a comunidade e os seus conhecimentos sobre as plantas medicinais vêm modificando os hábitos alimentares e os cuidados com a natureza de modo geral. Nesse contexto, preservar as plantas medicinais, bem como o bioma Cerrado, é uma forma de manter viva essa cultura.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGAMASCHI, D. P.; SOUZA, J. M. P.; HINNIG, P. F. População, amostra, variável, coleta de dados, apuração de dados e apresentação tabular. FSP/USP. HEP 103-Bioestatística aplicada a Nutrição – 2010. Disponível em: [http://www.fsp.usp.br/hep103/Apostila\\_2011.pdf](http://www.fsp.usp.br/hep103/Apostila_2011.pdf). Acesso em: 02 jan 2019.

BORGES, V. C. **O cerrado de “pé”**: potencialidades das plantas medicinais. Ateliê Geográfico Goiânia-GO, v. 7, n. 1 Abril/2013 p.25-58.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Texto Constitucional promulgado em 05 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 64/2010 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94. Brasília: Senado Federal. Subsecretarias de Edições Técnicas, 2010, 104p.

\_\_\_\_\_. Ministério do Meio Ambiente - MMA. Farmacopeia Popular do Cerrado. Goiás: Articulação Pacari (Associação Pacari), 2009, 352 p. Disponível em: [https://www.mma.gov.br/estruturas/sbf\\_agrobio/\\_publicacao/89\\_publicacao01082011054912.pdf](https://www.mma.gov.br/estruturas/sbf_agrobio/_publicacao/89_publicacao01082011054912.pdf). Acesso em: 01 set. 2019.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. Política nacional de plantas medicinais e fitoterápicos / Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Departamento de Assistência Farmacêutica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2006. 60 p.

BUENO, M. J. A.; MARTÍNEZ; B. B.; CARLOS BUENO, J. Manual de plantas medicinais e fitoterápicos utilizados na cicatrização de feridas. Pouso Alegre: Univás, 2016, 135 p.

CARVALHO, J. V. Fitoterápicos do Cerrado. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Biologia). Instituto de Ciência e Psicologia do Centro Universitário de Brasília, 2001. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/2399/2/9658510.pdf>. Acesso em: 05 set. 2019.

EVANGELISTA, J.; LAUREANO, L. Medicina popular e biodiversidade no Cerrado. Agriculturas - v. 4 - no 4 - dezembro de 2007. Disponível em: <http://aspta.org.br/wp-content/uploads/2014/10/Artigo-2-Medicina-popular-e-biodiversidade-no-Cerrado.pdf>. Acesso em: 05 set. 2019.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa? 5ª Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GRANDI, T. S. M. et al. Plantas Medicinais de Minas Gerais, Brasil. Acta boto bras. 3(2): 185-224, 1989. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/abb/v3n2s1/v3n2s1a18.pdf>. Acesso em: 05 set. 2019.

KLEIMAN, A. B. Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever? Campinas/SP: Unicamp, 2005.

MACEDO, E.V.; GEMAL, A. L.A produção de fitomedicamentos e a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos. Rev. Bras. Farm., 90(4): 290-297, 2009.

MOLINA, Mônica Castagna. (org.). **Educação do Campo e Pesquisa II: Questões para reflexão**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006.

OLIVEIRA, H. W. C.; VIVEIRO, Alessandra Aparecida. **Cerrado e plantas medicinais**: algumas reflexões sobre o uso e a conservação. Ensino, Saúde e Ambiente – V5 (3), pp. 102-120, dez. 2012.

OLIVEIRA, H. W. C. **Cerrado e Plantas Medicinais**: Algumas Reflexões sobre o Uso e a Conservação. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Naturais). Universidade de Brasília, 2011. Disponível em: [http://bdm.unb.br/bitstream/10483/4504/1/2011\\_HansWernerCastroOliveira.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/4504/1/2011_HansWernerCastroOliveira.pdf). Acesso em: 01 set. 2019.

PAULETTI, F.; ROSA, M. P. A.; FENNER, R. S. O Sujeito Epistêmico e a Aprendizagem. Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genética, vol. 6, n. 1, 4-26, Jan-Jul/2014. Disponível em: [www.marilia.unesp.br/scheme](http://www.marilia.unesp.br/scheme). Acesso em: 02 set. 2019.

PIAGET, J. Pedagogia. Tradução Joana Chaves. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. Unidade 2 – a pesquisa científica. In.: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009, p. 31-42.

VIEIRA, L.S.; SOUSA, R.S.; LEMOS, J.R. Plantas medicinais conhecidas por especialistas locais de uma comunidade rural maranhense. Rev. Bras. Pl. Med., Campinas, v.17, n.4, supl. III, p.1061-1068, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbpm/v17n4s3/1516-0572-rbpm-17-4-s3-1061.pdf>. Acesso em: 02 set. 2019.